

JOSÉ Q. PINHEIRO
HARTMUT GÜNTHER

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente



Casa do Psicólogo®

ALL
BOOKS®

© 2008 Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda e All Books Casa do Psicólogo®
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,
sem autorização por escrito dos editores.

1ª Edição
2008

Editores

Ingo Bernd Güntert e Christiane Gradvohl Colas

Assistente Editorial
Aparecida Ferraz da Silva

Editoração Eletrônica
Sergio Gzeschnik

Produção Gráfica & Capa
Ana Karina Rodrigues Caetano

Revisão
José Luiz de Campos Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente/ José de Queiroz
Pinheiro & Hartmut Günther, organizadores. – São Paulo: Casa do
Psicólogo, 2008.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7396-574-2

1. Psicologia ambiental 2. Psicologia ambiental - Pesquisa I.
Pinheiro, José de Queiroz. II. Günther, Hartmut.

07-6264

CDD- 155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia ambiental 155.9

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.
Rua Santo Antonio, 1010 Jardim México 13253-400 Itatiba/SP Brasil
Tel.: (11) 4524-6997 Site: www.casadopsicologo.com.br



All Books Casa do Psicólogo®
Rua Simão Álvares, 1020 Vila Madalena 05417-020 São Paulo/SP Brasil
Tel.: (11) 3034-3600 E-mail: casadopsicologo@casadopsicologo.com.br

Sumário

Apresentação	7
A Metodologia do Experimento Ecológico	11
<i>Mara Campos-de-Carvalho</i>	
O Uso da Entrevista na Interação Pessoa-Ambiente	53
<i>Isolda de Araújo Günther</i>	
Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental	75
<i>José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali & Odara S. Fernandes</i>	
Como Elaborar um Questionário	105
<i>Hartmut Günther</i>	
Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental	149
<i>Sylvia Cavalcante & Regina Heloisa Maciel</i>	
Percepção e Representação Ambiental - Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental	181
<i>Maria Inês Gasparetto Higuchi & Ariane Kuhn</i>	
Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes	217
<i>Gleice Azambuja Elali & José Q. Pinheiro</i>	

Afetividade e Ambiente Urbano: Uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos	253
---	-----

Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Diário Pessoal como Técnica de Coleta de Dados em Estudos Sobre as Relações Pessoa-Ambiente	281
---	-----

José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali, Andréia V. M. Azevedo, Bárbara C. G. Farias, Mariana C. Costa & Soraya S. Andrade

Projetando Ambientes mais Sustentáveis com a Colaboração da Psicologia Ambiental	313
--	-----

Beatriz Fedrizzi & Sérgio Luiz Valente Tomasi

Interação Humana com Ambientes Naturais: Uma Revisão no Periódico <i>Environment and Behavior</i>	343
---	-----

Susana Martins Alves & Gowri Betrabet-Gulwadi

A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações	369
--	-----

Hartmut Günther, Gleice A. Elali & José Q. Pinheiro

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentação

A presente coletânea se destina a profissionais que estudam as interações pessoa-ambiente nas suas mais variadas formas e queiram se aprofundar no domínio dos meios empregados para suas pesquisas. Usamos no título do livro o termo *estudos pessoa-ambiente* para caracterizar o campo de estudo dessa interface, mas temos plena consciência de outras denominações, tais como *estudos ambiente-comportamento*, *psicologia ambiental*, *comportamento pró-ambiental*, *psicologia arquitetônica* ou *projeto do lugar*. Mais importante, a relação entre pessoa(s) e ambiente(s) é objeto de estudo de profissionais da antropologia, arquitetura, psicologia, biologia, desenho industrial, educação ambiental, ergonomia, geografia, planejamento urbano, psicologia e sociologia, entre outros.

Sem dúvida, o campo dos estudos sobre a interação pessoa-ambiente avançou nos últimos 40 anos na Europa, nos EUA, e, especialmente, na América latina. Entretanto, existem poucos livros sobre como se faz pesquisa dessa interação; a única publicação da qual temos conhecimento surgiu em 1987, nos EUA, por Bechtel, Marans e Michelson. Pesquisadores da área costumam recorrer a livros de métodos das suas respectivas áreas de atuação, fato este que contribui para falta de coerência e dificuldade de interlocução entre as disciplinas envolvidas.

O objeto deste livro é facilitar o diálogo que transcende as linguagens metodológicas específicas, abrindo caminho para a abordagem multimétodos. Ressalta-se que, ao mesmo tempo em que os

capítulos apresentam maneiras diferentes de pesquisar a interação pessoa-ambiente, os seus autores têm trajetórias de formação diferentes e são provenientes de lugares de atuação geograficamente variados.

Os capítulos podem ser divididos em duas categorias. Os primeiros quatro tratam de técnicas “tradicionais” de pesquisa em sua aplicação à área de interação pessoa-ambiente: o experimento (capítulo 2), a entrevista (capítulo 3), a observação (capítulo 4) e o questionário (capítulo 5).

Os capítulos seguintes tratam de técnicas mais específicas para estudos de interação pessoa-ambiente:

A percepção ambiental é abordada nos capítulos 6 e 7: o primeiro propõe a aplicação de método de simulação para investigar a percepção de ambientes; o segundo mostra o potencial da percepção e da representação ambiental como recursos de investigação voltados para a educação ambiental.

A afetividade é tema enfatizado nos capítulos 8 e 9, respectivamente, sobre a autobiografia ambiental e os mapas afetivos. A autobiografia ambiental é apresentada como uma estratégia que explica a participação dos ambientes na história de cognições e afetos ambientais da própria pessoa, enquanto que os mapas afetivos enfatizam esses elementos na relação das pessoas com os ambientes da cidade.

O diário pessoal é objeto do capítulo 10, que ilustra o papel complementar dessa técnica, ou sua indicação especial para situações em que é difícil ou impossível a utilização de outros meios de coleta de dados.

O capítulo 11 apresenta a contribuição da psicologia ambiental para o projeto de ambientes mais sustentáveis.

Uma ilustração de revisão crítica da literatura é o tema do capítulo 12, que analisa artigos publicados no periódico *Environment and Behavior*, sobre o tema da interação das pessoas com os ambientes naturais.

O livro conclui com um apelo à necessidade de uso de abordagem multimétodos e da importância de utilizar, sempre que possível, mais de uma técnica num dado projeto de pesquisa.

Por fim, destacamos que a presente coletânea não tem a pretensão de ser exaustiva, pois as necessidades associadas à pesquisa das interações pessoa-ambiente indicam que muito ainda precisa ser construído. Ao mesmo tempo, esperamos que esse conjunto de trabalhos constitua um passo importante nessa direção.

Os organizadores

Referências

- Bechtel, R. B., Marans, R. W., & Michelson, W. (Org.). (1987). *Methods in environmental and behavioral research*. Nova York: van Nostrand Reinhold.

Afetividade e Ambiente Urbano: uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos

Zulmira Áurea Cruz Bomfim
Universidade Federal do Ceará

Introdução: eixos teóricos da investigação

Neste capítulo relacionaremos afetividade e ambiente urbano, apresentando o processo de construção de uma metodologia de apreensão dos afetos. Buscamos uma compreensão psicossocial e sócio cultural na relação entre subjetividade e espaço construído, enfatizando o afeto como grande agregador da percepção e do conhecimento sobre a cidade.

É nosso interesse, também, examinar uma metodologia de aproximação entre a psicologia ambiental e a psicologia social voltada para o ambiente urbano, com o objetivo de envolver a ciência psicológica nas questões urbanísticas, visto que estas têm sido tradicionalmente estudadas pela arquitetura, geografia, antropologia, sociologia urbana etc.

O nosso estudo pretende acentuar na psicologia a busca de teorias e métodos que tragam alternativas ao conhecimento do urbano, colocando em relevo o macro e o micros social como elementos do cenário psicossocial, em uma perspectiva interdisciplinar.

A psicologia social e a ambiental, nestes últimos anos, têm gradativamente marcado presença nos estudos da compreensão do urbano, redimensionando questões econômicas, políticas, éticas e culturais, tanto no plano individual quanto coletivo. Trabalham na perspectiva do indivíduo ser uma cidade e a cidade ser o indivíduo, rompendo com a dicotomia subjetividade/objetividade.

Pesquisar as cidades na psicologia social, com ênfase nas perspectivas psicossocial e sócio cultural, é discutir formas de organização do território, com vistas à superação das dicotomias próprias das ciências humanas: homem e sociedade, objetividade e subjetividade, cidade e comunidade, indivíduo e sociedade, biológico e social, interno e externo, racionalidade e afetividade, homem e natureza.

Uma aproximação desta ênfase na psicologia ambiental corresponde à vertente transacionalista. Esta não se restringe à visão da interação do indivíduo com o ambiente como um cenário em que um interfere no outro, mas põe em evidência o entorno como uma dimensão da identidade dos indivíduos, em que interagem fatores psicossociais, sóciofísicos e histórico-culturais.

A afetividade como expressão do simbolismo do espaço tem sido estudada pela psicologia social e pela psicologia ambiental, redimensionando os estudos sobre o urbano. A afetividade, como categoria, é eleita em nosso estudo como síntese do encontro do indivíduo com a cidade. Entendemos que ela integra aspectos de conhecimento, percepção e orientação do espaço, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva na cidade (Sawaia, 1995). É nosso interesse compreender a imagem ambiental em sua importância emotiva, na interpretação e orientação das condutas, além de refletir sobre a dimensão afetiva nos mapas cognitivos.

Carecemos de uma visão que abarque a compreensão do coletivo na cidade. Matos (1995) propõe vencer a dualidade entre a razão dominante e a imaginação sonhadora como conhecimento e intervenção na cidade, transformando o antagonismo razão/paixão na sociedade moderna em encontro do homem com a cidade. Esta

passagem se faz de um observador neutro para um observador emotivo. O amor como forma de conhecimento é, para a autora, vencer a cisão entre *Eros* e *Logos*, atividade e passividade, eu e alteridade, sensação e cálculo. Em outras palavras, se faz pelo processo de “conhecer sentindo e sentir conhecendo” (Matos, 1995, p. 25).

Como vencer as cisões e dicotomias não somente nas concepções teóricas da relação entre subjetividade e objetividade no ambiente urbano, mas também na sua metodologia de investigação? Esta indagação tem representado um grande desafio para nossos estudos¹ na relação entre o micro e o macrosocial.

Investigar sentimentos e emoções do habitante da cidade é um processo difícil de ser operacionalizado, porque emoções e sentimentos não são, normalmente, identificados e nomeados com facilidade. Poderíamos dizer que as sensações, emoções e sentimentos, como parte de uma linguagem interior, podem ser, muitas vezes, intangíveis como expressão exterior. O caminho que vai da sensação à enunciação é um processo complexo (Silvestri & Blanck, 1993) e, por isso, encontrar meios que acessem os afetos, refletidos na realidade da vida cotidiana, criados e recriados a cada dia pelos habitantes da cidade, acarreta um certo grau de intangibilidade. Chegar a estas sensações, aos sentimentos, sem correr o risco de acessar somente processos racionais, é um grande desafio metodológico.

Por isso, pensamos em buscar uma metodologia que pudesse facilitar o processo de tornar tangível o intangível, pela fundamentação de um instrumento que abarcasse imagens e palavras, pela formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, ligadas de forma menos elaborada e mais sensível.

Encontramos na psicologia ambiental e na psicologia social as bases para a construção desta metodologia: os mapas afetivos.

¹ A tese de doutorado *Cidade e afetividade, estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo* (Bomfim, 2003) originou os estudos e reflexões sobre a relação entre cidade e afetividade. Atualmente, outras investigações desenvolvem-se no Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS) do Departamento de Psicologia da UFC, coordenado pela autora, na cidade de Fortaleza.

Da psicologia ambiental, referenciamos-nos no método de elaboração dos mapas cognitivos coletivos desenvolvido por Lynch (1998). É um procedimento pelo qual as pessoas adquirem, codificam, armazenam, recordam e decodificam as informações sobre locais e atributos de fenômenos dentro do espaço urbano. Fundamenta-se na idéia de que cada pessoa tem seu mapa mental da cidade, mesmo fragmentário, de ruas, avenidas ou de certos bairros em relação a outros. O método consiste em externalizar estes mapas para conseguir dos informantes suas experiências de forma observável. Posteriormente, analisa-se a precisão do mapa: onde é incompatível com a realidade, que nível de estrutura possui e que tipo de consenso existe no mapa de muitos indivíduos. Na teoria de Lynch, foi desenvolvida, principalmente, a dimensão da estrutura e identidade dos mapas cognitivos, enquanto o *significado*, o componente simbólico prático ou emotivo elaborado pelo observador, não foi investigado, apesar de ter sido considerado.

Da psicologia social, colhemos as contribuições da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1991), que argumenta sobre os afetos como constitutivos do subtexto da linguagem sobre o objeto estudado. O autor defende que é necessário captar o subtexto da linguagem, a linguagem da emoção, durante o processo interativo. Nos mapas afetivos, o desenho, a projeção da imagem da cidade e a metáfora, segundo nossa proposição, são recursos para a clarificação deste subtexto, nem sempre facilmente captado. A metáfora é um recurso lingüístico que, com base em uma linguagem figurada, desvela o afeto pela imagem.

Os recursos imagéticos justificam-se na intervenção ambiental e urbana, por assentarem-se nas vivências das pessoas “advindas das formas específicas de enraizamento do indivíduo no urbano” (Tassara & Rabinovich, 2001, p. 213). A *cartografia afetiva* é, segundo as autoras, uma forma de buscar uma política ambiental comprometida com os valores tradicionais transmitidos intergeracionalmente.

Uma metodologia de apreensão dos afetos: a construção dos mapas afetivos

Os mapas são expressões de representações do espaço. Eles são objetos triviais, que fazem parte do cotidiano e que servem para orientação. Mas há mapas que privilegiam também a orientação. Os mapas refletem, então, uma permanente tensão entre representação e orientação. A cartografia francesa, por exemplo, resolve esta tensão privilegiando a representação. Já outros favorecem a orientação, são os mapas instrumentais.

Souza Santos (1988) aponta as possibilidades representacionais dos mapas classificando-os em figurativos (icônicos) ou mais abstratos. Estes últimos assentam-se em sinais emotivos ou expressivos, enquanto os primeiros, em sinais referenciais ou cognitivos.

Considerando que nosso intuito é investigar emoções e sentimentos, a afetividade dos habitantes da cidade na relação entre espaço e afetos, destacamos os mapas abstratos e as metáforas como importantes recursos que privilegiam a representação na construção de uma metodologia de apreensão dos afetos.

Os mapas abstratos são para nós de especial interesse, pela ênfase nos sinais emotivos e expressivos que se destacam em suas características imagéticas. Encontramos nestes recursos a possibilidade de desenvolvimento de um método de intervenção no urbano que possa não somente *ser lido*, mas, também, *visto*.

Para Souza Santos (1988), as representações sociais do espaço adquirem mais importância e centralidade analítica na modernidade. A cultura pós-moderna volta a privilegiar o espaço e a sua particularização, diferentemente do pensamento moderno, em que a idéia de progresso e tempo corresponderia à grande metáfora fundadora. O autor comenta que este fato deve-se a que agora as relações sociais ocorrem no espaço como resultado das transformações por que tem passado o nosso modo de vida nas últimas décadas. Reforça a idéia em que as metáforas e os mapas, ao serem usados repetidas vezes durante um longo período de tempo, podem transformar-se em uma descrição literal.

A partir destas considerações, definimos os mapas afetivos como representações do espaço. O espaço a que nos referimos relaciona-se com qualquer ambiente como território emocional. No estudo que apresentaremos, os mapas afetivos são instrumentos reveladores da afetividade e indicadores da estima da cidade.

Estas assertivas nos conduzem à definição dos mapas afetivos como:

Imagens ou representações assentadas em sinais emotivos ou expressivos, elaborados a partir de recursos imagéticos (desenhos, fotos, objetos de arte). Afirmamos que eles são reveladores da implicação do indivíduo a um determinado ambiente²: casa, bairro, comunidade, cidade. Podem ser gerados a partir de mapas cognitivos, porém seu maior objetivo não é a orientação espacial ou a localização geográfica. Eles são orientadores das estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação (pertencer ou não pertencer a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar) e de identidade social urbana (conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar). Como sínteses dos afetos, eles também apontam o nível de implicação do indivíduo no lugar. Dado seu caráter representacional e criativo, são recursos de acesso à dialética subjetividade/objetividade na cidade. (Bomfim, 2003).

Para a apresentação deste método, discutiremos as etapas e os resultados da principal investigação que gerou a idéia dos mapas afetivos. A partir de uma amostra de 200 pessoas, 50% de Barcelona e 50% de São Paulo, predominantemente de mulheres com faixa etária entre 18 e 35 anos, em sua maioria alunos de graduação e de pós-graduação de universidades destas cidades, relacionamos cidade e afetividade a partir dos sentimentos e emoções de seus habitantes.

² Ambiente como fruto da inter-relação entre estrutura física e representação abstrata a ela relacionada.

O instrumento gerador dos mapas

Neste instrumento, desenhos e metáforas foram os recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos deram um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduziu a dimensão afetiva do desenho. As metáforas como recursos de síntese aglutinaram a relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos.

As metáforas podem ser formas eficazes de apreensão dos afetos, porque vão além da cognitividade. Seu alvo maior é a conquista da intimidade. É uma transação de reconhecimento de uma comunidade, em que o falante emite o convite e o receptor aceita. A metáfora coloca estes aspectos em primeiro plano, diferentemente da linguagem comum.

Acessamos os sentimentos dos habitantes de Barcelona e São Paulo a partir da construção de um instrumento, um questionário, administrado individualmente, que solicitava o desenho das respectivas cidades e respostas às perguntas associadas ao desenho. O instrumento final, baseado em um pré-teste, compôs-se dos seguintes itens:

Desenho

O desenho constituiu-se o primeiro item do instrumento. Propositadamente foi tomado como primeiro passo para que possa ser deflagrado um processo representacional imagético, antes que o respondente possa passar para uma representação pela escrita. Nas instruções pedia-se que o respondente desenhasse e representasse sua forma de ver e de sentir a cidade. O grande objetivo do desenho foi facilitar a expressão de emoções. Não era objetivo nosso identificar o significado externo ou o sentido interno do desenho. A interpretação do desenho ficou a cargo do próprio sujeito que o construiu e não do investigador.

Significado do desenho

Este item esclarece o que a pessoa quis representar com o desenho. Para efeito de análise, consideramos o significado que a pessoa atribuiu ao desenho, em sua estrutura e significado. Pretende-se, com isto, diminuir ao máximo a interpretação do investigador em relação ao desenho.

Sentimentos

Aqui, solicitamos que a pessoa expressasse e descrevesse os sentimentos a respeito do desenho representado pelo respondente. Neste momento do processo de elaboração dos afetos, o estímulo inicial é o próprio item do instrumento de pesquisa, que remetia o sujeito ao desenho, à sua própria criação e à representação da cidade.

Do início do instrumento até este item, existe uma fusão dos sentidos, onde um item influencia o outro numa cadeia única. Este procedimento está fundamentado no método processual de Vygotsky (*apud* Luria, 1986) para a compreensão do sentido da comunicação complexa.

Palavras — sínteses

É uma síntese dos sentimentos provocados inicialmente pelo desenho e, em seguida, pelos itens anteriores a este. O respondente pode repetir o que já escreveu, contanto que cada uma das palavras corresponda à ordem solicitada de 1 a 6. O conteúdo das respostas pode variar em sentimentos, qualidades, substantivos ou outras expressões que fogem ao que foi anteriormente solicitado. Este método demonstra a interferência do respondente no processo de elaboração de sua resposta e de superação do instrumento.

Além da síntese solicitada, esperamos que, neste item, o respondente indique uma saturação das respostas ou que afirme com maior clareza e precisão o seu sentimento. Tal clareza é voltada tanto para o sujeito, visto o processo de reconstrução do instrumento que

se projeta para as etapas posteriores, como para análise do investigador sobre a resignificação do que foi provocado pelo desenho.

O que pensa da cidade

Este item visa a captar respostas que não foram emitidas até este momento. Na resposta a este item, o sujeito pode falar algo mais do que realmente pensa sobre a cidade e tornar aparente o que é figura na conjuntura das significações de seus sentimentos. Como o desenho, este item pode remeter o sujeito a uma nova construção de seus sentimentos sobre a sua cidade. Desta feita, não mais com o desenho, mas com a elaboração textual.

Categorias da escala Likert

São afirmações baseadas nas dimensões que foram levantadas no pré-teste, voltadas para a avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 10. No instrumento, não é esclarecido ao respondente a que categorias pertencem tais afirmações. Estão descritas abaixo as categorias com suas respectivas variáveis:

Pertinência: nesta categoria, encontramos sentimentos, emoções e palavras de identificação com o lugar:

Sinto-me muito identificado

Tenho amor a esta cidade

Sinto-me muito apegado

É uma cidade que faz parte de mim

Contrastes: Na categoria contraste, encontramos sentimentos, emoções e palavras contraditórios, em que há uma polarização positiva e negativa, tais como:

É uma cidade em que há ordem e desordem

É uma cidade em que há angústia e liberdade

É uma cidade bonita e feia

É uma cidade em que há agonia e tranquilidade

Agradabilidade: Aqui encontramos as palavras que mostram sentimentos de vinculação à cidade e suas qualidades positivas:

Eu gosto da cidade
É uma cidade cômoda
É uma cidade tranqüila
É uma cidade agradável

Insegurança: Na categoria insegurança, estão todos aqueles sentimentos e palavras que envolvem algo inesperado, instável e, às vezes, negativo, como:

É uma cidade com tensão
É uma cidade sufocante
Sinto-me só na cidade
A cidade tem uma surpresa sempre

Comparação da cidade

Este é o item que pede uma comparação da cidade com algo. É ele que permite a elaboração de metáforas e caracteriza-se por ser uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto. Nesta etapa, o sujeito é convidado a elaborar imagens da cidade através de sua capacidade de fazer analogia e figurar o sentimento pela escrita.

Caminhos percorridos

É uma descrição dos caminhos mais freqüentemente percorridos pelo sujeito na cidade onde vive. Permite visualizar a trajetória do habitante em termos de suas atividades cotidianas. Neste quesito, o informante utiliza nomes de ruas, lugares de origem e de destino, elementos característicos que chamam a sua atenção durante o trajeto. É solicitado ainda que o sujeito indique o que ele faz nestes caminhos. O próprio informante pode categorizar o tipo de percurso, ou seja, dar nome ao contexto que vivencia cotidianamente.

Participação em associação

Entendemos esta variável como afiliação a alguma associação, quer seja de vizinhos, cultural, reivindicativa, solidária etc. A resposta é objetiva, com possibilidade de comentário e indicação do tipo de associação.

Participação eventual em movimentos sociais

Esta variável é entendida como a participação temporária do respondente em alguma ação social reivindicativa ou solidária. A resposta é objetiva e existe espaço para justificá-la e para indicar o tipo de ação, caso seja afirmativa.

Características sócio-demográficas

Consta da última parte do instrumento de pesquisa e refere-se às variáveis sócio-demográficas: sexo, idade, origem, cidade e estado de residência habitual, tempo de residência na cidade, escolaridade, situação laboral e salário mensal.

Metodologia de análise dos dados qualitativos

A ênfase do tratamento dos dados nesta metodologia reside na abordagem qualitativa, a partir de uma análise de conteúdo categorial (Vázquez-Sixto) e análise do subtexto, do sentido e do motivo (Vygotsky, 1991). O tratamento estatístico complementar foi baseado em uma escala tipo Likert (item 05 do instrumento de pesquisa), formada a partir das quatro dimensões que contém sentimentos e emoções sobre Barcelona e São Paulo: contrastes, insegurança, agradabilidade e pertinência.

Considerando a análise qualitativa, as respostas foram categorizadas em unidades com fins de diferenciação e condensação,

que permitiu uma visualização dos dados em um quadro sintético com as seguintes dimensões: identificação do respondente; estrutura do desenho; significado; qualidade; sentimento; metáfora e o sentido:

Tabela 1. Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N°: Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade: Tempo de residência (quando não originário).	*Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluência e bairros. *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	Explicação do respondente sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

Com este processo de articulação de sentidos, denominado de mapas afetivos, formamos as imagens das cidades de Barcelona e de São Paulo: “contrastes”; “atração”; “destruição”; “caixa de surpresas”; “agradabilidade” e “movimento”. O quadro abaixo mostra essas imagens com os respectivos sentimentos que as representam:

Tabela 2

IMAGENS (ordem de importância)	Qualidades das cidades de Barcelona e São Paulo	Sentimentos das cidades de Barcelona e São Paulo
Contrastes BCN (1ª) SP (1ª)	Atração/sufoco; ruído/tranquilidade; limpa/suja; poluição/natureza; colorida/cinza; rica/pobre; acolhedora/misteriosa.	alegre/séria; alegre/triste; euforia/depressão; aceitação/distanciamento; liberdade/prisão; amor/ódio; frieza/calor; prazer/desprazer; angústia/esperança;
Atração BCN (2ª) SP (3ª)	Atrativa; bela; cultural; diversa; oportunidades; lazer; interessante; bonita; variada; riqueza; impressionante; multitemática; interculturalidade; riqueza.	Enamoramento; alegria; amor; pertencimento; bem-estar; raiva; afeto; ausência; frustração; nostalgia; admiração; solidão; prazer; instabilidade emocional.
Destruição BCN (6ª) SP (2ª)	Massificação; decadência; desequilíbrio ecológico; artificialidade; desvalorização; ambigüidade; individualismo; pobreza; liquidação; poluição; aperto; sufoco; isolamento; anonimato; caos; desordem; prostituição.	Solidão; tristeza; desânimo; ódio; conformidade; desesperança; estresse; impotência; angústia; desespero; insatisfação; insensibilidade; raiva; desinteresse; falsidade; desespero; raiva; horror; descaso; desamparo.
Agradabilidade BCN (3ª) SP – ausente	Beleza; colorido; natureza.	Recordações; prazer; pertinência; prazer; desfrute; incondicional; gozo de viver; amor.
Movimento BCN (4ª) SP (4)	Evolução; identidade; transformação; projeto inacabado; novidade.	Ambigüidade; acolhimento; não-acolhimento; estranheza; insegurança.
Caixa de surpresas BCN (5ª) SP (5ª)	Novidade; fluidez; liberdade; abertura; diferenciação; multiplicidade.	Curiosidade; insegurança; isolamento; proximidade; pertinência;

Tanto Barcelona quanto São Paulo foram representadas predominantemente como pólos de grande atração, mas, ao mesmo tempo, como cidades que geram mal-estar e sufoco. Uma das imagens encontradas, a de **contrastes**, que provoca uma ambigüidade

de sentimentos em seus habitantes, entre a atração que uma cidade grande proporciona (gostar) e o alto custo que se tem que pagar por morar nela (mal-estar). É uma imagem associada às grandes cidades, causada pelo excesso de estímulos, obstáculos de circulação, estresse, mas que tende a um certo equilíbrio pelas oportunidades e atratividades oferecidas.

Um exemplo desta imagem pode ser o da metáfora utilizada em relação a Barcelona como cidade fábrica de alumínio/poema, que lhe ameniza, por suas especificidades urbanísticas e de natureza, a dureza a que os habitantes nas grandes cidades estão submetidos: “A agradabilidade ou a satisfação ambiental provêm da associação do cuidado com espaço construído e as qualidades oferecidas pela natureza” (Bomfim, 2003). O mapa afetivo do respondente n. 9 ilustra esta imagem, conforme se pode observar na tabela 3.

Tabela 3. Mapa afetivo de Barcelona

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 9 HOMBRE 25 AÑOS BARCELONA	Lynch: Monumentos (Plaza de Toros y Plaza España)	Representa la Plaza Espanha.	Caos: tráfico, polución; cantidad de gente; ruido.	Estrés; Agobio	Con una fábrica de aluminio y con un poema de la época del Roman- ticismo.	<i>Cidade fábrica/ poema</i> é aquela que seus contrastes articulam a dureza do suloco com a sensi- bilidade estrutura urbana.

Em São Paulo, os contrastes podem associar-se ao contexto próprio da modernidade com todos os seus aspectos, que envolvem riqueza e pobreza, desenvolvimento e subdesenvolvimento. Foi comparada com *um trem de metrô*, como mostrado na tabela 4.

Tabela 4. Mapa afetivo de São Paulo

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 5 Sexo: M Idade: 26 Cidade: Ponta Grossa-PR (4 anos em SP)	Metafórico	O arranha- céu paulistano – concreto, avenidas e carros.	Modernidade em toda a sua complexidade Desenvolvi- mento; cultura; progresso; dinamismo; tecnologia; pobreza.	rica – pobre feia – bonita desenvolvida- subdesenvol- vida limpa - suja	Com um trem de metrô, que anda sempre depressa e com muita gente.	<i>A cidade trem de metrô</i> é aquela que traz contrastes próprios da modernida- de, onde a velocidade e a aglomera- ção são suas principais caracte- rísticas.

A ordem de saturação das respostas serviu para observar que São Paulo e Barcelona foram representadas como cidades *atração*. Com relação a Barcelona, está associada como segunda imagem, por se caracterizar como um modelo de cidade-exportação, principalmente em relação à arte, à cultura e à urbanização. São Paulo é vista como uma *cidade atração* (terceira imagem), que se associa às oportunidades oferecidas de trabalho e cultura.

Depois da de *contrastes*, a segunda imagem de São Paulo mais encontrada foi a de *destruição*. Caracteriza-se pela associação à poluição, excesso de concreto (verticalização), miséria, que mostram a decadência, a pobreza e as desigualdades sociais. A imagem de *destruição* de Barcelona corresponde à sexta (última) e está vinculada à degradação do verde, devido à alta densidade populacional ou contaminação, por ser uma cidade que dá mais importância aos carros, pela delinquência e imigração desenfreada, ou mesmo pela inacessibilidade de moradia.

As metáforas da *bomba a ponto de explodir* (Barcelona) e a *casa de abelhas recém-chacoalhada* (São Paulo) ilustram as imagens de destruição das duas cidades, (tabelas 5 e 6).

Tabela 5. Mapa afetivo de Barcelona

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 65 Sexo: Homem Idade: 32 anos Cidade: BCN (Vide desenho em anexo)	Lynch Monumentos (Torre de Corserolla ; Tibidabo) Caminhos (Diagonal) Limites(Mar y montaña) Metafórico (Todo o desenho envolvido em uma grande bomba)	Barcelona es una bomba a punto de explotar. Vivienda inaccesible, delincuencia, inmigración desbocada, contamina- ción, tráfico infernial, suciedad por todos los sitios, falta de manteni- miento de parques, dejadez, etc.	Que ya no es una ciudad donde se puede vivir, que se ha convertido en un escaparate comercial para turistas. No quiero una ciudad cara y de diseño en el que vivir en ella se ha convertido en un lujo.	Tristeza, ya que Barcelona ha dejado de ser un buen lugar para vivir. La única solución es marchar de la ciudad; rabia; desespera- ción; incredulidad; agobia; mal rollo	Con una bomba a punto de explotar	A cidade bomba a ponto de explodir é aquela que se encontra destruída em sua capacidade de suprir as necessida- des básicas de seus habitantes, priorizando o turismo, provocando raiva, desespero, sufoco e mal-estar.

Tabela 6. Mapa afetivo de São Paulo

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 4 Sexo: Homem Idade: 50 Cidade: Belo Horizonte. Nível superior (11 anos em SP) (Vide desenho em anexo)	Metafórico	Um amontoad de prédios, com gente demais, todos os níveis e classes misturadas, mas sem se conhecer e sem ligar umas para as outras.	Massificação e diversidade.	Solidão e separação; microuniver- so; distância de coisas que realmente têm valor <i>per si</i> . Impessoali- dade e egoísmo. Diversidade e massificação; objetividade e asserividade.	Casa de abelha recém- chacoalhada	A cidade casa de abelhas recém- chacoalha- da é aquela em que a destruição é sentida, principal- mente, na relação entre as pessoas, onde a massifica- ção, a impessoali- dade, o egoísmo e a solidão imperam.

A terceira imagem de Barcelona é a de cidade *agradável*, correspondendo à beleza da arquitetura, urbanismo e de seu ambiente natural (mar, verde e montanha). Em São Paulo, não há respostas nesta categoria. O mapa seguinte do respondente de Barcelona ilustra esta imagem:

Tabela 7. Mapa afetivo de Barcelona

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 58 Sexo: Mulher Idade: 65 Cidade: Barcelona. Estudos de segundo grau.	Metafórico.	El mar mediterráneo. Interpretar un sentimiento.	Pensamiento; raíces.	Ilusión; alegría; euforia; amor a mi tierra; es mi tierra.	Mi hogar.	A cidade lar é aquela cuja agradabili- dade é tão intima como a sua própria casa.

A cidade *movimento* corresponde à quarta categoria, tanto de São Paulo quanto de Barcelona. É uma imagem que agrega movimento, inovação e mudança em Barcelona; dinamismo e velocidade em São Paulo.

Por último, a quinta imagem de Barcelona e de São Paulo compara estas cidades com *caixas de surpresas*: em Barcelona, por trazer surpresas que são percebidas de forma positiva por seus habitantes; em São Paulo, pelas novidades, surpresas e curiosidades que a cidade suscita, mas que, às vezes, trazem ambigüidades de sentimentos.

Considerando a ordem de importância de aparecimento das imagens de Barcelona e de São Paulo, apontamos suas diferenças, principalmente, nas imagens de *atração*, *destruição* e de *agradabilidade* e encontramos identificações nas imagens de *contrastes*, *movimento* e *caixa de surpresas*.

O diálogo das diferenças e identificações a partir das estruturas urbanísticas de Barcelona e de São Paulo

Como parte do método, contextualizamos as duas cidades, conhecendo as estruturas urbanas com base na premissa de que é a estrutura que proporciona a formação de imagens e de significações (imageabilidade ambiental).

Lynch (1998) preconiza que existem cidades que são potentes para eliciar significados compartilhados por seus usuários, enquanto outras são frágeis em seu simbolismo. Estudos apontados por Pol (1999) mostram até que ponto certas características estruturais podem facilitar, acelerar ou dificultar o processo de simbolização do espaço e de formação da identidade social urbana.

A comparação demonstrou diferenças e identificações entre as duas cidades, que se mostraram emblemáticas na caracterização da evolução urbana dos dois países, confirmando que a imagem gerada pelo habitante é fruto de um passado e de uma história que continua sendo elaborada pelo cidadão.

Apesar de suas diferenças, as duas cidades identificam-se por serem centros dinâmicos de atração e de arte. Ambas incluem-se no processo de globalização. São Paulo, como uma cidade dinâmica da América Latina e com uma hegemonia garantida no Brasil. Barcelona, com uma hegemonia garantida na Espanha, extrapola seu país ocupando um espaço de centralidade na Europa. Barcelona e São Paulo foram fortemente influenciadas pela industrialização e, por isso, denominadas, respectivamente, de Manchester catalã e Manchester brasileira. Como pólos de atração e de oportunidades, também aglutinam um forte fluxo migratório mantendo suas especificidades.

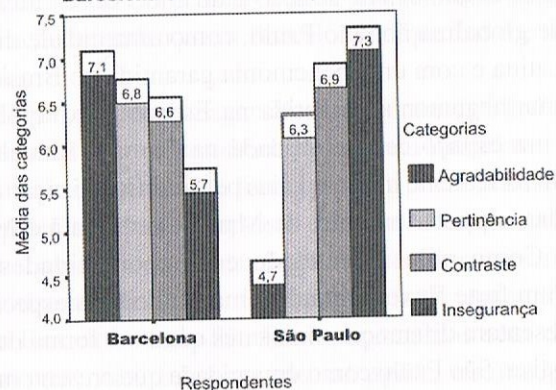
Apresentam diferenças marcantes quanto à forma de intervenção urbanística. São Paulo como uma cidade que cresceu rumo a uma (des)construção de seu espaço urbano (três cidades em um século) e Barcelona sob um processo de regeneração baseado na promoção de eventos. É a partir deste movimento histórico do urbanismo, que buscamos compreender o papel dos afetos na construção de intervenções urbanísticas sustentáveis que respeitem as *matrizes identitárias* (Arantes, 2000) e a cultura das cidades.

O conhecimento das histórias urbanísticas de Barcelona e de São Paulo é um dos elementos que subsidiaram a avaliação da relação *cidade e afetividade*.

Análise quantitativa complementar

A análise quantitativa complementar levou às seguintes categorias: *contrastes*, *insegurança*, *agradabilidade* e *pertinência*. A análise estatística, como já explicada na metodologia, traz os resultados da escala de Lykert. As médias das categorias de afetividade, nos grupos de respondentes das cidades de Barcelona e São Paulo, encontram-se expressas na figura seguinte:

Figura 04: Índice das categorias de afetividade em Barcelona e em São Paulo, conforme os respondentes.



A figura acima demonstra que Barcelona foi mais fortemente identificada com uma cidade que gera sentimentos de agradabilidade que São Paulo ($t=9,46$; $gl=198$; $sig=0,001$). Já esta última foi significativamente mais representada pela insegurança que a primeira ($t = 6,63$; $gl = 198$; $sig = 0,001$). A pertinência e o contraste foram dimensões da afetividade cujos índices não apresentaram divergências estatísticas.

Em síntese, ao tomarmos as categorias agradabilidade e pertinência como representantes da estima positiva e o contraste e a insegurança como representantes da estima negativa, obtivemos as seguintes representações gráficas:

Figura 16: Estima de Barcelona por participação em associações.

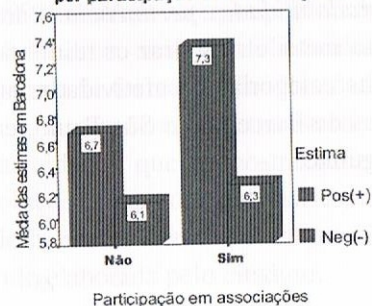
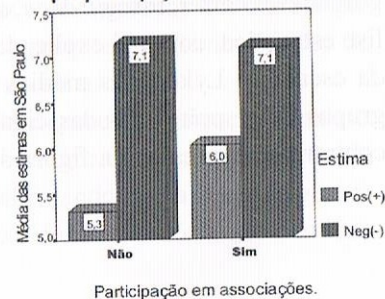
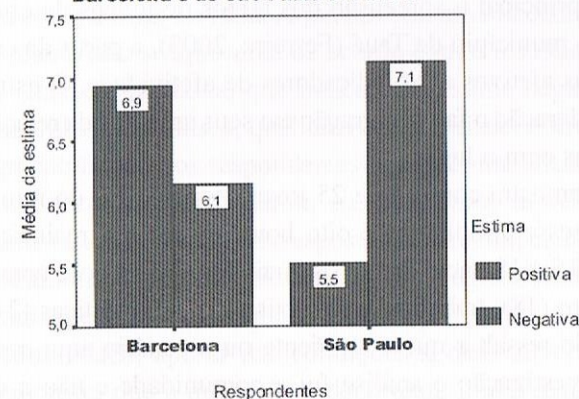


Figura 17: Estima de São Paulo por participação em associações.



Salientamos que a estima positiva e a negativa variaram diferentemente em Barcelona e em São Paulo, conforme a participação em associação. De um modo mais geral, verificamos que a estima positiva da cidade de Barcelona foi estatisticamente superior à de São Paulo ($t = 5,38$; $gl = 197$; $sig. = 0,001$). Este resultado solidificou-se mais ainda com a estatística que demonstrou que a estima negativa de São Paulo também era significativamente maior que a de Barcelona ($t = 5,17$; $gl = 197$; $ns = 0,001$). A figura 18 retrata tais diferenças ao nível de categorias afetivas agrupadas nos pólos positivos e negativos:

Figura 18: Estima das cidades de Barcelona e de São Paulo em 2001.



A distância entre os pólos positivo e negativo da estima em São Paulo foi ainda maior que a dos pólos da estima em Barcelona, indicando que a estima negativa naquela cidade estava significativamente maior que a estima positiva. A partir destes resultados sobre os indicadores de afetividade, concluímos que as estimas das cidades de Barcelona e de São Paulo divergiam, principalmente, pelas dimensões de agradabilidade e insegurança.

Estas imagens e as quatro dimensões que assinalam os sentimentos e emoções sobre Barcelona e São Paulo levaram-nos ao redimensionamento da afetividade (sentimentos e emoções) na estrutura

do significado dos mapas cognitivos de Lynch, de modo a propormos a categoria dos mapas afetivos como expressão da articulação de sentidos e instrumento indicador da estima da cidade.

Outras investigações a partir dos mapas afetivos

Outras investigações, desenvolvidas no Laboratório de Pesquisa de Psicologia Ambiental no ano de 2003 e 2004, ilustram possibilidades de aplicação dos mapas afetivos.

A primeira foi a pesquisa desenvolvida sobre *a afetividade de jovens de uma comunidade rural do semi-árido do Ceará*. Teve como objetivo principal a apreensão dos afetos de jovens da comunidade Lustal no município de Tauá (Ferreira, 2003), a partir da construção dos mapas afetivos e de indicadores de afetividade. O estudo levou em consideração o fator migração em seus aspectos da relação afetiva dos jovens com o lugar.

A amostra constou de 25 jovens, originados do município de Tauá, dezessete mulheres e oito homens, em sua maioria na faixa etária de 15 a 18 anos, dentre os quais estudantes com ensino médio incompleto (18), trabalhadores rurais (05) e domésticas (2).

Vale ressaltar que o ambiente ou o cenário aqui considerado para a investigação e análise foi a comunidade e não a cidade. A comunidade de Lustal é uma das regiões mais secas do estado do Ceará e mais vulneráveis a variações climáticas. Segundo Ferreira (2003), nos últimos anos, apesar dos projetos de irrigação e a consequente oferta de trabalho na comunidade, a emigração de jovens ocorre com frequência, pois estes saem em busca de qualificação. Segundo o relato dos moradores, falta-lhes mão-de-obra durante o período de colheita e, assim, acabam por contratar pessoas do distrito vizinho para trabalhar na comunidade. Os motivos e afetos que levam o jovem a emigrar foram pesquisados pelos mapas afetivos.

Partindo das mesmas etapas do método já explicitado anteriormente, a análise qualitativa apontou imagens de contraste,

agradabilidade, pertinência e insegurança. Dentre estas, a de contrastes foi a que mais se sobressaiu, encontrada pela expressão do mal-estar dos jovens demonstrado na contradição entre o gostar da comunidade em que vivem e, ao mesmo tempo, os sentimentos relacionados à sua falta de infra-estrutura. Ferreira (2003) destaca a possibilidade das respostas de contrastes integrarem a dureza de conviver com as dificuldades socioeconômicas, características de comunidades pobres do Sertão Nordestino, com a sensibilidade de conviver próximo e com a natureza. É exatamente neste contexto comunitário que as possibilidades de encontro com o outro são maiores do que na área urbana, onde elas tornam-se cada vez mais difíceis.

Já na análise quantitativa, Ferreira (2003) apontou a categoria pertinência como a mais elevada. Aqui, haveria um indicador de estima positiva, mas não se apresenta de acordo com o resultado obtido através da análise qualitativa, que indica uma estima negativa. Encontrou em ambas as análises, qualitativa e quantitativa, um alto índice de agradabilidade dos respondentes com a comunidade. Qualidades como *calma, passividade, exuberância, acolhimento, solidariedade* foram indicadas. As respostas mostraram, também, sentimentos de amor, carinho, respeito à natureza. A agradabilidade, juntamente com a pertinência, demonstram uma estima positiva dos jovens da comunidade, apesar das condições sociais adversas. Este aspecto demonstra que a migração é decorrente muito mais das necessidades de sobrevivência do que da vontade de deixar o lugar.

Encontramos a relação entre afetividade e ambiente construído na investigação *sobre mapas afetivos e o campus universitário do Benfica* (Área 2 do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará). Nesta pesquisa, procurou-se conhecer os afetos dos alunos do curso de psicologia, considerando a categoria de ambiente como campus universitário. Além dos quatro indicadores de afetividade das pesquisas anteriores, **contrastos, agradabilidade, pertinência e insegurança**, chegamos à categoria **desarticulação**.

Os resultados desta investigação apontaram a importância dos mapas afetivos no desvelar das reais necessidades dos estudantes

em relação à proposta da reitoria de mudança do curso para o Campus Universitário do Pici. Apesar da área 2 estar muito deteriorada pela falta de reformas e pela inadequação do prédio às necessidades do curso, os alunos em sua maioria não viram com bons olhos a idéia de mudança devido aos sentimentos de pertinência ao lugar. Apostam na revitalização da área do Benfica, por ser um campus que tem um forte movimento cultural e simbólico para os universitários, principalmente para os cursos do centro de humanidades. Também não aceitam bem a idéia de poderem estar em um lugar com boa infra-estrutura, como é o Campus do Pici, mas estarem distantes da integração e convivência com outros cursos com os quais se identificam.

Os mapas afetivos revelaram, nesta investigação, que uma boa infra-estrutura não é tudo para o desenvolvimento dos afetos no ambiente. Os estudantes do curso de psicologia precisariam de trocas, intercâmbios culturais e de significados relacionados ao seu lugar de convivência e de aprendizagem.

Uma outra pesquisa em andamento corresponde ao projeto *A Cidade e a Escola*. Seu objetivo é conhecer a afetividade (emoções e sentimentos) dos alunos das principais escolas públicas de Fortaleza sobre a cidade, a partir dos mapas afetivos. O nível de escolaridade contemplado abrange estudantes secundaristas de primeiro ao terceiro ano de 10 escolas da rede estadual e municipal de ensino.

A partir dos mapas afetivos, buscar-se-á a reflexão e a participação de alunos nas questões urbanas na cidade (Estatuto da Cidade). É também objetivo do projeto proporcionar processos de reflexão-ação dos participantes, através de vivências orientadas (trilhas) que possibilitem a apropriação do espaço da cidade. Os caminhos assinalados nos questionários servirão de base para a escolha das trilhas.

Os resultados preliminares apontam Fortaleza como uma cidade com imagens de **agradabilidade**, quando a comparam com uma *cidade coração de mãe*, pois apresenta-se como uma cidade acolhedora, descontraída e divertida, proporcionando sentimentos de alegria, paz e amor. Mas Fortaleza também é uma cidade de **contrastes**

e compara-se a um fusca, porque nela encontram-se amizades, união, sinceridade (parte boa), mas também poluição, criminosos, falta de escola (parte ruim). Os sentimentos encontrados nesta metáfora são de amor, raiva e orgulho. A **pertinência** é observada na metáfora *a cidade casa de cada um de nós*, em que se mesclam qualidades de beleza e sentimentos de carinho, orgulho, amor, valor e reconhecimento. A **insegurança** se reflete na *cidade pobre*: a população sofre na temporada de inverno, além de um alto índice de desemprego, levando a sentimentos de tristeza, raiva, ignorância, irresponsabilidade e dor.

O ambiente para a elaboração dos mapas afetivos pode partir desde os micro aos macrosociais: casa, campus universitário, bairro, comunidade, cidade, país. Estamos pesquisando, mais recentemente, a possibilidade de conhecer os sentimentos e emoções a partir dos mapas afetivos da imagem corporal. Neste caso, a corporeidade pode ser compreendida como uma *casa*, suscitando também sentimentos potencializadores ou desmotivadores. A imagem corporal decorrente dos mapas afetivos de deficientes físicos, paraplégicos e tetraplégicos corresponde à investigação em andamento. Ainda não temos dados suficientes para confirmar as categorias levantadas. Sabemos somente que além das categorias já comentadas, outras que dizem respeito à **dependência** e **autonomia** foram apontadas.

Considerações finais

Os mapas afetivos são recursos indicados para intervenções psicossociais, porque acessam sentimentos de forma sintética e propiciam a aproximação destes sentimentos à realidade da vida cotidiana. Como eles são uma forma de acessar os significados atribuídos pelo indivíduo a um objeto de sua realidade, eles podem ser aplicados não somente às questões urbanas ou à cidade, mas também a ambientes microsociais em que ocorrem uma maior identificação do *self*.

Os mapas afetivos buscam a síntese mais que a análise, a qualidade mais que a quantidade, mesmo considerando os métodos analíticos e quantitativos. O relevante é a interrelação ou conexão sintética das várias dimensões relacionadas à representação ou à imagem. Eles são representações do espaço e relacionam-se com qualquer ambiente como território emocional. São, também, instrumentos reveladores da afetividade e da estima da cidade.

O mapa afetivo da cidade não é só um instrumento que emerge de um outro instrumento, do de pesquisa, mas, antes de tudo, um processo de (re)produção do ambiente em questão. A partir do recurso imagético, a forma como o indivíduo conduz o restante do processo de percepção ou conhecimento ambiental, a orientação, a sistematização e, mesmo, a sua atividade cognitiva (avaliativa e de conduta) relacionam-se com a resposta afetiva.

A relação dos mapas afetivos com os mapas cognitivos pode ser dialética: o desenho da cidade pode agregar estrutura e estado de ânimo. E mesmo que a integração dependa do que é solicitado pelo investigador e que a resposta dê ênfase à estrutura, os afetos dos respondentes não deixarão de estar relacionados ao ambiente.

Obviamente que o olhar pode recair mais sobre a cognição ou sobre o afeto, sobre a análise da estrutura ou sobre a subjetividade da cidade. A nós, coube dar ênfase à síntese e não ao que discrepa da imagem ambiental; não considerar como fator de análise a precisão entre a imagem ambiental e a estrutura física (isomorfismo). O que nos interessou de fato e que tomamos como importante foi buscar saber como o afeto indica a estima da cidade. Em nossa tese, *os mapas afetivos contêm os cognitivos*, pois, além das funções já conhecidas dos mapas cognitivos, visam a conhecer a implicação do indivíduo com a cidade (ética e ação) e a superar as dicotomias *subjetividade e objetividade, individual e coletivo; cognição e afetos*.

Referências

- Arantes, O. (2000). Uma estratégia fatal, a cultura nas novas gestões urbanas. In Arantes, O., Vainer, C. & Maricato, E. (Org.). *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes.
- Bomfim, Z.A.C. (2003). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. São Paulo, Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).
- Ferreira, K. P. M. (2003). *A afetividade de jovens da comunidade de Lustal-Taubaté: entre o ficar e o partir*. Monografia de graduação do curso de psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.
- Lynch, K. (1998). *La imagen de la ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil.
- Matos, O. (1995). Amor e cidade, amor na cidade: Walter Benjamin, In Magalhães, M.C.R. *Na sombra da cidade*. São Paulo: Ed. Escuta.
- Pol, E. (1999). Agrupaciones de convivencia, nuevas periferias, bienestar social y sostenibilidad; In *Revista Tres a Cuart*. Barcelona.
- Souza Santos, B. (1988). Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegômenos a uma concepção pós-moderna do Direito. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N. 24.
- Silvestri, A. & Blanck, G. (1993). *Bakhtin y Vygotsky: la organización semiótica de la consciencia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Tassara, E. T. O. & Rabinovich, E. P. (2001). A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In Tassara, E. T. *Os panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. (pp. 211-267) São Paulo, EDUC, 211-267.
- Sawaia, B.B. (1995). O calor do lugar, segregação urbana e identidade. São Paulo em perspectiva: questões urbanas. *Os sentidos das mudanças*. São Paulo, Volume 9/2 / ABR-JUN/ 20-24.
- Vázquez-Sixto, F. (2000/2001). *Recursos i instruments per a la planificació i la intervenció. Aproximació a la recerca psicosocial*. Barcelona: Màster en Intervenció Ambiental.

Vygotsky Y, L.S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Diário Pessoal como Técnica de Coleta de Dados em Estudos sobre as Relações Pessoa-Ambiente

José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali, Andréia V. M. Azevedo,
Bárbara C. G. Farias, Mariana C. Costa & Soraya S. Andrade

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O diário pessoal é uma ferramenta valiosa para pesquisadores da área das relações pessoa-ambiente, proporcionando importantes pistas sobre as interações humano-ambientais e apontando aspectos que, na continuidade da pesquisa, podem vir a ser investigados por meio de instrumentos mais estruturados. Esse recurso de coleta de dados é comparável a estratégias exploratórias normalmente empregadas, como visitas informais ao local estudado, observação assistemática de sua utilização, ou levantamento de vestígios de comportamento, sendo utilizado no início do trabalho de investigação; ou pode ser empregado como recurso complementar em estudos descritivos.

Em pesquisas na área das relações pessoa-ambiente podem ocorrer dificuldades de acesso ao local estudado e/ou a seus usuários, por razões as mais variadas. Nesses casos, uma das estratégias para coleta de dados pode ser o emprego de diários pessoais registrados pelas próprias pessoas envolvidas na situação. Tal técnica compreende